



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia em comemoração ao Dia do Diplomata**

Palácio Itamaraty-Brasília-DF, 07 de maio de 2009

Minha querida companheira Marisa,

Meu querido companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,

Embaixatriz Ana Maria Amorim,

Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, nosso querido secretário-geral das Relações Exteriores e paraninfo da turma Villa-Lobos,

Embaixador Fernando Reis, diretor-geral do Instituto Rio Branco,

Secretário Marcos Vinícius Moreira Marinho, na pessoa de quem cumprimento os formandos da turma Heitor Villa-Lobos,

Senhoras e senhores familiares dos formandos,

Senhoras e senhores diplomatas,

Amigos e amigas,

Antes de ler o meu discurso, uma resposta ao Celso. É o seguinte: ele nem acabou de preencher as 400 vagas e já reivindicou mais. O dado concreto, Celso, é que eu penso que depois dos anos que o nosso país passou sem crescer economicamente, sem crescer socialmente, depois que o nosso país durante tanto tempo cedeu ao discurso do Estado mínimo e do mercado máximo, e que as coisas foram se deteriorando neste país, e depois que a gente começou a recuperar o papel do Estado - de o país voltar a crescer, de fazer políticas sociais, de ter mais altivez nas nossas relações internacionais -, eu não tenho dúvida de que duas coisas vão acontecer.

Primeiro, eu mesmo tive uma lição importante, que foi a lição de garantir – pelo menos no meu governo nós não mandamos nenhum projeto de lei – que



não é possível que a gente não leve em conta o tempo de carreira do embaixador. Às vezes, para chegar ao cargo máximo leva 40 anos, 38 anos, as pessoas passam esperando a vida inteira para ter um cargo importante e, quando entra um novo governo, coloca um político derrotado no lugar do embaixador. Isso parece fácil, mas eu acho que não tem nada mais importante para valorizar e motivar a carreira do que a gente garantir a fluidez do tempo que as pessoas têm que ocupar os seus cargos. Essa foi uma lição que eu tive, do primeiro para o segundo mandato.

A outra coisa é que eu não tenho dúvida nenhuma de que quem vier, a partir de 2010, com a dinâmica da política internacional brasileira, as pessoas saberão que é preciso contratar mais gente. Não precisamos chegar aos 14 mil dos Estados Unidos, até porque nós não queremos ter tanta ingerência, nós queremos apenas fazer diplomacia.

Como já está muito adiantado o horário e eu criei o projeto Fome Zero, não vou ficar aqui fazendo discurso porque... público é que nem passarinho novo, a primeira imagem que fica é daquele que deu a primeira comida para ele. Se eu fico aqui falando muito tempo, a imagem que vocês vão ter do governo não [será] a melhor possível.

Eu queria dizer para vocês algumas coisas. Eu não vou ler o meu discurso porque ele está um pouco... o Celso já falou. Acho que a mesma pessoa que escreveu o teu, escreveu o meu. Outras coisas o Samuel já falou de improviso. Eu queria dizer, sobretudo, a vocês jovens que estão se formando hoje. Certamente, vocês terão no futuro muito mais trabalho do que os nossos diplomatas têm no presente e do que muitos tiveram no passado, eu diria, mais recente também.

Em política tem uma coisa que o Brasil fez [durante] muito tempo, depois o Brasil desaprendeu, e o Brasil está aprendendo: é que não é possível nenhum interlocutor ser respeitado, se ele não se respeita. O tempo em que um diplomata brasileiro achava que o Brasil não poderia participar de nada,



porque o Brasil era pequeno, porque o Brasil não tinha inserção na economia, isso acabou. A gente não tem importância pela quantidade de dinheiro que a gente tem, a gente não tem importância pela quantidade de bombas atômicas que a gente tem, a gente não tem importância apenas pela quantidade de conhecimento tecnológico que nós temos. A gente tem importância pelo nosso comportamento e, sobretudo, pelos nossos objetivos.

Se nós traçamos um objetivo, na nossa vida e na vida de um país, de conquistar espaços políticos, nós sabemos que é preciso trabalhar, abrir espaços, porque em política ninguém dá espaço de graça para ninguém. Não esperem benevolência, não esperem que alguém vá ter reconhecimento sobre vocês, se vocês não fizerem por merecer.

E eu acho que é esse o momento que o Brasil vive. Eu posso dizer a vocês que quanto mais o Brasil tiver importância no cenário político mundial, mais humildade vocês precisam ter. A arrogância estará falida na diplomacia de um país como o Brasil, até porque não faz parte da nossa índole, não faz parte das características do povo brasileiro a arrogância - se bem que temos - nós também não somos imunes.

Mas o grande trabalho que vocês terão pela frente é o trabalho de consolidar o que nós começamos a fazer. Não pensem que foi fácil recuperar o Mercosul, não pensem que foi fácil a gente derrotar a idéia da Área de Livre Comércio, a Alca, que os Estados Unidos queriam impor ao Brasil na década de 90. Não pensem que foi fácil construir a Unasul, não pensem que foi fácil a gente fazer muitas das coisas que nós queríamos fazer.

Eu vou contar um dado para vocês, sem nenhuma arrogância, [sobre] o G-8 do ano passado. Eu fui a Berlim no ano retrasado. Quando nós tivemos uma reunião do G-5 (China, Índia, Brasil, [México] e África do Sul) nós aprovamos um documento. Chegamos em Berlim, nós fomos para a mesa e eu fui o orador do G-5. Entreguei o documento para a Angela Merkel e ela concordou com o meu documento: "Não, o G-8 aceita o seu documento". Eu



disse: minha querida, o teu documento é antagônico ao meu, como é que você aceita o meu assim? Ou seja, eles não falam a mesma língua. [Eu disse]: vocês estão dizendo uma coisa e nós estamos dizendo outra. Aí eu comuniquei que eu não iria mais ao G-8. É um cafezinho muito caro. Pegar um avião daqui para Berlim para fazer aquela reunião que a gente fazia... Sempre é importante, porque tem uma relação de conhecimento, você sempre conversa com alguém. Mas o dado importante é que eu disse que não ia mais, comuniquei ao Celso que não ia mais, que não dava para fazer uma reunião, digo, uma viagem de 12 horas para chegar lá, ficar 10 minutos em uma reunião [em que] eles já tinham decidido tudo, já tinham elaborado tudo. Eles podem continuar fazendo a reunião deles, mas eu não sou obrigado a ir.

Bem, a partir desse momento - tínhamos combinado isso com a Índia, que também disse que não iria mais; com a China, que também disse que não iria mais - a partir daí, o G-8 começou a mudar, e já começou a se fazer o discurso de que não tinha mais nenhuma razão de ter G-8, era preciso ter G-13 ou G-14. De vez em quando eles arrumam um país a mais para colocar, e como nós somos como coração de mãe, quanto mais arrumar, mais a gente aceita, vai colocando... Nós não temos preconceito de entrarem mais países. O dado concreto é que o G-8 já não é mais G-8, o G-13 não é mais G-13, o G-14 não é mais G-14.

O dado concreto, depois da reunião de Londres, do G-20, é que o que ficou configurado de articulação política mundial que pode decidir, em momentos de crise, é exatamente o G-20. Vejam que nós demos um passo extremamente importante. Eu ouvi um discurso do Obama, Celso, que me chamou a atenção, lá, em uma das reuniões. Ele disse o seguinte: “antigamente era fácil tomar decisões em políticas internacionais. Por exemplo, Roosevelt e Churchill se sentavam em torno de uma mesa, tomando uma bebida quente, e tomavam decisões para o mundo inteiro”. Hoje, não é mais assim. Hoje nós temos que saber a diversidade de países importantes que tem,



a diversidade de países que têm importância econômica, tecnológica, militar, diplomática. O mundo está muito mais complicado do que naquele tempo. Portanto, é preciso mais paciência, mais perseverança e mais vontade de fazer as coisas para que elas aconteçam.

Eu me lembro que quando nós entramos aqui, nós tínhamos muito mais animosidade histórica com a Argentina, do que animosidade na prática. Era muito preconceito contra algumas coisas. Contra a América do Sul, contra a América Latina, contra países pequenos, muito preconceito contra a África. A nossa cabeça raciocina onde os nossos pés pisam. Se um de vocês, recém-formado, for trabalhar em Moçambique, daqui a oito meses quando vocês vierem fazer a primeira visita ao Itamaraty, vocês estarão falando exatamente a linguagem do povo de Moçambique, aquilo que eles pensam. Vocês estarão vendo o mundo, mais ou menos, de onde eles vêem o mundo. Mas se vocês forem para Paris vocês estarão vendo também, de lá, o restante do mundo. Essa compreensão de que a cabeça pensa onde os nossos pés pisam não pode valer para a diplomacia brasileira. A nossa cabeça tem que ser mais ampla, mais arejada, e saber que poucos países do mundo têm a inserção que nós poderemos ter, pela simpatia que tem. E vamos reconhecer aqui: uma coisa é pela competência do Itamaraty, uma coisa é pelo centro de excelência que é o Itamaraty. Mas as pessoas já vêem o Brasil com simpatia pelo futebol. Cada jogador desses, famoso no mundo, virou um representante do Brasil em parte do mundo. Nós somos conhecidos pelo samba, os nossos mulatos e as nossas mulatas já são um pouco da cara da gente. As pessoas vêem a gente com essa leveza que não vêem um americano, que não vêem um russo, que não vêem um chinês. Essa é uma vantagem comparativa do Brasil, no meu modo de ver. Juntando tudo isso à competência do [Instituto] Rio Branco, nós então viramos esse centro de excelência que nós somos hoje no mundo.

Eu, como leigo, posso dizer para vocês que poucas vezes eu vi diplomacia tão respeitada e admirada quanto a brasileira, elogiada em qualquer



país do mundo. E não falo isso agora porque sou presidente, não. Eu e o Marco Aurélio viajamos muito, e essa é a vantagem de quem perde muitas eleições para presidente, e eu perdi três. Eu viajava muito o mundo e em cada lugar que nós chegávamos o Brasil era elogiado pela excelência da nossa diplomacia. Se a gente juntar essa excelência de conhecimento teórico da nossa diplomacia com o forte conteúdo político - eu não vou contar aqui a pergunta que se fazia para alguns alunos, não. Eu vou... se tem pistolão? Não vou contar isso aqui porque tem jornalista aí.

Eu acho que nós vivemos um momento de ouro. Obviamente que todos nós ficamos lisonjeados com a quantidade de elogios. Eu acho que o Brasil, nesses últimos 45 dias, teve mais artigos escritos favoravelmente ao Brasil no mundo inteiro, do que nos últimos 100 anos. Como eu não leio em inglês... mas eu já não aguento mais receber a Newsweek, já não aguento mais... Agora, prestem atenção: se algum diplomata brasileiro achar que porque o El País, o Le Monde, o New York Times e tantas outras “times” por aí estão falando bem da gente, [isso] é motivo de a gente ficar presunçoso, tome cuidado porque a gente quebra a cara. A gente também não pode trabalhar com a ilusão dos elogios. Por conta de elogios, um homem levou um império à decadência total, que foi o nosso amigo Gorbachev, que saía todo dia na imprensa brasileira, na primeira página. Eu já conhecia mais a mancha da testa dele do que o Marco Aurélio Garcia, porque era Folha, era Estadão, era Globo, era em todo jornal do mundo. [Quando] você começa a acreditar muito nisso e para de olhar o teu chão, você começa a fazer política a partir dos elogios e esquece a realidade. Aí é o caminho do fracasso.

Então, eu queria dizer para vocês, para terminar, que vocês estão começando, possivelmente, uma das carreiras mais brilhantes que um ser humano quer trilhar. Ou seja, a carreira de um homem, de uma mulher, que aceita a responsabilidade de morar nem sempre em lugar confortável, nem sempre em países que têm todas as condições do mundo. Eu conheço o nosso



peçoal de países africanos, e eu sei que a situação é muito delicada, sei. Mas esse é um aprendizado também, e uma coisa extraordinária que ajuda na formação do caráter e da qualidade do diplomata brasileiro. Se todo mundo quiser ir só para Paris, só para Londres, só para... aí, não tem espaço para todo mundo.

É preciso que haja essa compreensão de que nós vamos abrir mais embaixadas, de que nós vamos ter mais funcionários, de que nós vamos ter mais inserção no mundo, e muito disso vai depender do trabalho de vocês. Eu não tenho dúvida nenhuma de que eu tenho hoje, depois de conhecer esta Casa um pouco mais, depois de conviver com tanta gente extraordinária, eu não tenho dúvida de dizer para vocês que vocês entraram em uma das carreiras mais brilhantes que este país tem, e entraram em uma Casa que é um centro de excelência, não apenas de competência profissional mas, sobretudo, de responsabilidade em defesa da soberania do nosso país.

Por isso, eu quero desejar a todos vocês toda a sorte do mundo. Aos familiares, que tenham paciência, porque muitas vezes vão ficar meses sem ver o filho, meses sem ver a filha. Eles vão logo, logo, se engajar, porque agora acabou aquela moleza do cidadão se formar e ficar aqui o tempo inteiro porque não tinha para onde ir. Porque se não tinha embaixada, você ia mandar para onde? A nossa idéia é de abrir mais embaixadas para que a carreira de vocês possa fluir com muito mais rapidez e para que a gente possa ganhar, enquanto nação, cada vez mais respeitabilidade no mundo.

Que Deus abençoe todos vocês.

Um abraço.

(\$211A)



Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República
